

## Nas dissertações, ?nós? ou ?eu??

Umberto Eco, no seu livro ?Como se Faz Uma Tese em Ciências Humanas?, recomenda o uso do ?nós?. Existem outros que exigem esta posição aos seus orientandos e ainda outros que não se manifestam, sendo-lhes indiferente. Mas, contudo, quando a natureza dos estudos tiver uma componente etnográfica e porque ?o trabalho etnográfico vive do eu do investigador? (Silva, 2003, p. 71), e também porque ?todo o texto etnográfico deve sempre utilizar a primeira pessoa do singular? (Ball, cit. *ibidem*), parece-me que será mais indicado seguir este caminho. Como as características da abordagem qualitativa se confundem com as características do método etnográfico, sendo esta comparação acentuada na obra de Bogdan e Biklen (1994), de Caria (2002) e de Silva (2003), não fosse a referência à ?descrição profunda? (Bogdan e Biklen, 1994, p. 59) ou ao ?vocabulário diferente? (*ibidem*), onde acrescentam que actualmente os investigadores utilizam o termo etnografia quando se referem a qualquer tipo de estudo qualitativo, uma vez que ambos acentuam a vertente descritiva relativamente a conversas e pormenores com pessoas e locais, o uso do ?eu? numa investigação predominantemente qualitativa (intensiva) tem todo o sentido. Outras das razões é a coerência descritiva, e evitar alguns contra-sensos sem qualquer lógica, como por exemplo afirmar que ?somos presidentes do conselho executivo na Escola?. Parece-me também, que não se deve ?responsabilizar? ou mesmo ?abusar? do orientador, afirmando que ?nós? vislumbrámos, quando de facto fui ?eu? que vislumbrei. No entanto, a demarcação de qualquer pretensiosismo que esta posição possa sugerir é essencial, pois, na verdade, não pode existir senão humildade em trabalhos com este cariz. Até porque, dado as inúmeras, evidentes e naturais indicações com constantes alertas no sentido de reencontrar o caminho e escolha dos instrumentos mais adequados por parte do orientador, o ?nós?, nesta perspectiva, seria mais apropriado. Ou seja, dever-se-á considerar o ?eu? como sendo um ?nós?, como afirmou, Ricardo Vieira nas suas provas de agregação (15-Mar-2006 no ISCTE), em frente a António Nóvoa, Luísa Cortesão, Raul Iturra, entre outros. No que se refere à abordagem extensiva (quantitativa), o infinitivo, parece ser o mais adequado, pois tratam-se de constatações que todos podem facilmente verificar. Não sou ?eu? nem somos ?nós?, digamos que é ?quem se der ao trabalho? de analisar essas asserções.

Se existir uma triangulação, entendida como uma ?combinação de metodologias no estudo dos mesmos fenómenos? (Bourdieu, 1989, p. 25), entre a abordagem intensiva e a abordagem extensiva, acentuado pelo mesmo autor (*ibidem*) como ?uma forma de tornar um plano de investigação mais sólido?, não deverá chocar ninguém ver os géneros correspondentes em cada uma das partes.

### Referências bibliográficas:

- BOGDAN, Robert; BIRKEN, Sari ? Investigação Qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora, 1994
- BOURDIEU, Pierre ? O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989
- CARIA, Telmo (org.) ? Experiência Etnográfica em Ciências Sociais. Porto: Afrontamento, 2002
- SILVA, Pedro ? Etnografia e Educação. Reflexões a Propósito de uma Pesquisa Sociológica. Porto: Profedições, 2003